

**29-30
MARÇO
2023**

I COLÓQUIO INTERNACIONAL CINEMAS DO MEDITERRÂNEO

KEYNOTES:

Mirian Tavares

Universidade do Algarve

Austin Fisher

Universidade de Bournemouth-UK

Dia 29: 9h30-18h

Campus da Penha

Auditório 1.4. (presencial)

Dia 30: 14h30-17h30

(sessão online)

Programa disponível em www.ciac.pt

LIVRO DE RESUMOS

I COLÓQUIO INTERNACIONAL CINEMAS DO MEDITERRÂNEO

29-30 de março de 2023

DIA 1 - AUDITÓRIO 1.4 DO COMPLEXO PEDAGÓGICO DO CAMPUS DA PENHA

9h00 | Sessão de Abertura do I Colóquio Internacional Cinemas do Mediterrâneo

Sérgio Vieira

Diretor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Pedro Sousa

Subdiretor do Departamento de Artes e Humanidades da FCHS

Mirian Tavares

Coordenadora do CIAC

Jorge Carrega

Comissão Organizadora do I Colóquio Internacional Cinemas do Mediterrâneo

9h30 | Painele 1 'Keynote Speakers'

Moderador: Jorge Carrega

9h30-10h00 – Mirian Tavares (CIAC/UAlg) | “Buñuel e Fellini – Do Surrealismo à carnavalização”

Quais elementos do Surrealismo podem convergir com aspetos do grotesco presentes no Carnaval do medievo? Acredito que várias são as possibilidades de encontros, e creio, principalmente, que essa convergência está presente nas obras de Buñuel e de Fellini. Entre o Surrealismo e a carnavalização (de acordo com Bakhtin) a obra dos dois realizadores foi sendo construída – as ideias mais dogmáticas do Surrealismo e o princípio do prazer que emana da carnavalização bakhtiniana são presenças constantes que atravessam ambas cinematografias. Falar do espírito surrealista de Luis Buñuel é apenas o constatar do óbvio. Fellini, ao contrário, nunca se considerou surrealista e raramente teve o seu cinema reconhecido como tal. Pretendo juntar dois cineastas profundamente idiossincráticos no intuito de instaurar um diálogo entre cinematografias cujos princípios estéticos partem de diferentes premissas, mas cujos resultados podem ser comparados/comparáveis – em ambos encontramos o gozo das festas medievais, a paixão pelo desvio e pelo inusitado que reforçam a presença do espírito surrealista nos seus universos poéticos.

Biografia:

Mirian Tavares é Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pela Universidade Federal da Bahia. É coordenadora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) e Professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve (UAlg). Assume ainda o cargo de Diretora do Doutoramento em Média-Arte Digital, lecionado em parceria entre a Universidade do Algarve e a Universidade Aberta. No plano internacional assume a vice-presidência da Associação Internacional de Arte Computacional – ARTECH-Int, que articula com outras funções de relevo a nível nacional. É membro da equipa de curadores da Rede Portuguesa de Arte Contemporânea e Diretora da Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes. Esteve envolvida em mais de 25 projetos científicos, exercendo, em muitos deles, um papel de coordenação geral e/ou coordenação institucional. Participou, por convite, em mais de 100 conferências nacionais e internacionais, contabilizando mais de 60 artigos publicados em revistas de referência, reconhecidas nacional e internacionalmente. Como resultado da sua intensa atividade científica já deu à estampa 17 livros, tendo publicado em 56 capítulos de obras altamente reconhecidas na sua área de estudo. Mirian Tavares participa ainda regularmente em diversas revistas culturais e na produção de textos e catálogos artísticos, tendo coordenado e desenvolvido conceptualmente um conjunto de webséries inéditas, com vista à divulgação de ciência (CIAC Talks e CIAC Talks Initiative).

10h00-10h30 – Austin Fisher (Bournemouth University) | “Mapeando o Western Spaghetti como ‘Cinema Mediterrâneo’”

O termo 'cinemas mediterrâneos' carrega significados múltiplos e conflituosos em torno do hibridismo, da transculturação e do desenho de fronteiras para demarcar identidades regionais, nacionais ou locais. O espaço comum do Mediterrâneo como fronteira entre a Europa e a África serve para dividir povos e culturas, perpetuando uma visão de mundo duradoura que centra um norte afluyente e marginaliza um sul global ignorante. Esta apresentação irá considerar uma função alternativa para o termo, segundo a qual o Mediterrâneo fornece um centro voltado para fora, em vez de um centro voltado para dentro: uma fonte que une identidades culturais, em vez de um vórtice que as subsume. Tomando o Spaghetti Western como ponto de partida, considerarei as implicações do rótulo 'cinemas mediterrâneos' tanto para as indústrias cinematográficas que cercam a bacia do Mediterrâneo quanto para campos de estudos que analisam as dimensões local, nacional e transnacional do cinema. O Spaghetti Western foi coproduzido em larga escala por vários países mediterrâneos, fornecendo ostensivamente um exemplo produtivo do que Mette Hjort chamou de “transnacionalismo afetivo” e um modelo útil para o que um “cinema mediterrâneo” pode implicar. No entanto, a localização predominantemente setentrional deste género na região exclui a maioria das nações e culturas mediterrânicas, tornando o rótulo problemático. Eu argumento que é nessas mesmas tensões, que nos apercebemos dos múltiplos significados inerentes a qualquer categorização 'Mediterrânea'. Um género que convida tanto a leituras histórico-culturais do “sul” quanto do “norte”, o apelo simultâneo do Spaghetti Western a identidades globais díspares responde ao apelo de Bergen-Aurand para que os cinemas da região sejam considerados uma “constelação” porosa e dinâmica.

Biografia:

Austin Fisher é Professor Adjunto de Cultura Popular na Universidade de Bournemouth. É autor das monografias *Blood in the Streets: Histories of Violence in Italian Crime Cinema* (2019) e *Radical Frontiers in the Spaghetti Western* (2011), e ainda editor de *Spaghetti Westerns at the Crossroads* (2016) e *Grindhouse: Cultural Exchange on 42nd Street, and Beyond* (2016). Ele também é coeditor da série de livros "Global Exploitation Cinemas" da Bloomsbury.

10h30 – Debate

11h00 | Intervalo

11h15 | Painel 2

Moderador: Bruno Mendes da Silva

11h15-11h35 – Ana Soares (CIAC/UAlg) | “Cinco visões marítimas no cinema português do segundo milénio”

Sugiro centrar o olhar em cinco momentos cinematográficos portugueses, e observar de que modo se configura a paisagem marítima. A ideia de configuração implicará analisar como se constitui visual e materialmente a imagem, por um lado, e os diferentes processos simbólicos em que opera. Assim, começarei por me deter em *Um Filme Falado* (Manoel de Oliveira, 2003) e na sua relação alegórica com a História ocidental; seguirei pelo filme de Margarida Gil Adriana (2005), para procurar o modo igualmente alegórico, porém na direção do fantástico e do tradicional centrado na ideia de uma insularidade fundacional; analisarei depois alguns planos de Cristovão Colombo, *O Enigma* (Manoel de Oliveira, 2008), para explorar o poder da sugestão da câmara na reconfiguração da narrativa histórica; passarei pela visão literária do mar em *A Corte do Norte* (João Botelho, 2009); e, por fim, procurarei mostrar como a atualidade e a tragédia humana reconfiguram o mesmo Mediterrâneo que Oliveira apresentara no filme de 2003 na obra *O Mar* (Margarida Gil, 2018).

Biografia:

Ana Isabel Soares é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Inglês) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL; 1993) e Doutorada em Teoria da Literatura pela mesma Faculdade (2003), onde, em 2009, completou uma investigação de pós-doutoramento sobre cinema português e poesia. Tem exercido a docência universitária na Universidade do Algarve, onde é Professora Auxiliar. A sua atividade científica tem-se relacionado com as áreas da Teoria da Literatura, e com obras multartísticas (David Wojnarowicz), fílmicas (Manoel de Oliveira, António Reis e Margarida Cordeiro) e literárias (nomeadamente, poesia portuguesa do século XXI). Os ensaios resultantes da suas reflexões têm sido publicados em revistas portuguesas e brasileiras. Integrou a equipa de fundadores da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento, de que foi a primeira Presidente (2010-2014).

11h35-11h55 – João Carvalho (CLEPUL/UAlg) | “Peregrinação: da fonte matricial ao filme de Botelho”

A figura de Fernão Mendes Pinto e/ou a sua obra, Peregrinação, inspiraram criativos de diferentes áreas artísticas. Escolhemos, para objeto desta nossa comunicação, e depois de uma sumária apresentação da obra do autor quincentista, a adaptação-recriação cinematográfica de 2017 do realizador João Botelho, lugar de interrogação da História a partir do presente, de experimentação de diversos modos de contar/filmar uma história e ainda lugar de encontro entre diferentes artes.

Biografia:

João Carlos Firmino Andrade de CARVALHO é Professor da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. É Investigador integrado do CLEPUL e colaborador do CIAC. É doutorado em Literatura Portuguesa Clássica pela Universidade do Algarve, mestre em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e licenciado em Línguas e Literaturas Modernas por esta última Universidade. Publicou vários livros e possui numerosas publicações dispersas por diversas Revistas e Atas de Colóquios, nacionais e internacionais, sobre matérias relacionadas com a literatura e cultura portuguesas, com a teoria e crítica literárias, com o comparatismo e com a retórica.

11h55-12h15 – António Costa Valente (CIAC/UAlg) | “Argélia, um cinema saído do campo de batalha”

A Argélia tem a sua independência em 1962 após uma guerra com a França, iniciada nos anos 50. O seu cinema reflete o combate por onde nasceu o país. “Chronique des années de braise” de Mohammed Lakhdar (1975), sela um cinema revolucionário que parece talhado para marcar uma vitória total sobre a sombra colonizadora de uma França próxima. A conquista da Palma de Ouro no Festival de Cannes marca também a primeira grande vitória do cinema árabe e do cinema africano neste festival da Côte d’Azur francesa de dimensão planetária. Parece no entanto que é pelas imediações dos territórios estrangeiros que se marcam os grandes momentos do nascimento desta cinematografia necessariamente jovem. O egípcio Youssef Chahine tinha em 1958 realizado “Jamila, the Algerian” e, já em tempo de independência, o ano de 1966 é marcado pela estreia internacional do filme americano “Lost Command” de Mark Robson, mas sobretudo por “La Battaglia di Algeri” de Gillo Pontecorvo. Estreado no Festival de Veneza, vencedor do Leão de Ouro, seria posteriormente nomeado para os Oscar de melhor filme estrangeiro, realizador e argumento. Esta coprodução Itália/Argélia foi na altura banido dos ecrãs franceses, iniciando um período largo de apagamento generalizado desta derrota militar e política da França. Argélia e França, no cinema como na vida, parecem marcar uma ponte permanentemente amarga entre os dois continentes mediterrânicos. Um cinema novo argelino, brotando no nosso século, não parece sarar completamente as feridas de uma independência nascida do sangue de muitos. Malek Bensmail é um dos cineastas que parece mais terrivelmente arguto para desconstruir e repassar os grandes momentos de uma história muito recente. “La Bataille d’Alger, un film dans l’histoire” junta a França, a Suíça e a Argélia numa produção onde Malek revisita a obra de Lakhdar e com isso a guerra que a “Legião

estrangeira” de França parece ter tornado ainda mais visível internacionalmente. Este e os seus restantes filmes são obras de uma crueldade reflexiva assinaláveis. Latifa Said é uma realizadora de curtas-metragens onde as mulheres emigrantes são protagonistas. Em cada filme, cada emigrante traz uma história profundamente obscura como assim parece o papel das mulheres nas batalhas sociais do seu país. Entre a França, onde é emigrante, e a sua Argélia, cada curta-metragem de Latifa mergulha num escuro que ela sabe tornar muito particular. Vencedor do AVANCA 2022, a longa-metragem “Soula” do jovem cineasta Salah Issaad percorre tumultivamente este caminho da noite, do espaço das mulheres, do legado de um país construído no campo de batalha. Um filme brilhante e tremendamente negro. Uma viagem sem saída, mais do que sem fim, como parece ser o novo cinema da Argélia que se obriga a existir – batalhando.

Biografia:

António Costa Valente é doutorado em Ciências e Tecnologias da Comunicação pela Universidade de Aveiro. Foi professor convidado nas universidades públicas de Aveiro e Vila Real e diretor do Departamento de Teatro e Cinema da ESAP – Escola Superior Artística do Porto. Dirige o Festival de Cinema AVANCA desde 1997, a conferência científica AVANCA | CINEMA desde 2010 e coordena o “Prémio Eng.º. Fernando Gonçalves Lavrador”, atribuído anualmente à melhor investigação académica sobre cinema. É coordenador da Europa na “Federação Internacional de Cineclubes” e nacional do “INPUT-TV”, conferência internacional que anualmente reúne as televisões públicas de todo o mundo. Produziu e realizou filmes que foram distinguidos com mais de três centenas de prémios em festivais de todos os continentes. Entre eles, produziu e corealizou a primeira longa-metragem do cinema de animação português. É autor de vários livros, capítulos de livros e outras publicações científicas. Conta com várias orientações de teses de doutoramento e mestrado concluídas. É revisor de várias conferências e revistas científicas nacionais e internacionais. É coeditor do “International Journal of Cinema”.

12h15-12h35 – Alexandre Martins (CIAC/UAlg) | “Ô saisons, ô châteaux e Du côté de la côte: os filmes turísticos de Agnès Varda”

Esta comunicação explora os primeiros documentários de Agnès Varda: *Ô saisons, ô châteaux* (1957) e *Du côté de la côte* (1958), dois filmes que lhe foram encomendados pelo *Office de Tourisme de France*. Tomando como ponto de partida o vínculo entre os atos de viajar e de filmar - presente nos *travelogues*, filmes de exploração e filmes turísticos -, a nossa viagem por estas duas curtas-metragens apoia-se, tanto na análise dos filmes em si, como no discurso de Varda sobre a sua criação. Ao analisar estas obras de criatividade *sui generis*, podemos encontrar marcas do cinema vardiano, nomeadamente o que viria a constituir os fundamentos do estilo cinematográfico reivindicado pela própria, o da *cinécriture*. A utilização do humor e uma abordagem sociológica e lírica são também alguns dos elementos que evidenciam a sua singularidade enquanto cineasta, levando o espectador numa representação geográfico-turística, que é também uma viagem cinematográfica.

Biografia:

Alexandre Martins é doutorando em Média-Arte Digital (UAlg/UAb), mestre em Património, Artes e Turismo Cultural (ESE/IPP) e licenciado em Línguas e Culturas Estrangeiras (ESE/IPP).

Colabora com a Direção Regional de Cultura do Norte (DRCN), dando apoio na revisão e edição da coleção monográfica 'Património a Norte', e com o Cine-Clube de Avanca, na organização do seu arquivo documental. É investigador no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) e no Centro de Investigação Transdisciplinar - 'Cultura, Espaço e Memória' (CITCEM), onde desenvolve estudos nas áreas do Cinema e Artes Digitais.

12h35 – Debate

13h00 | Pausa para almoço

14h30 | Painei 3

Moderador: Jorge Carrega

14h30-14h50 – Hugo Barreira (CITCEM/FLUP) | “Que filmes ouviam os cinéfilos? Para uma problematização do som anterior ao fonofilme?”

Nas várias transformações ou viragens nos estudos dos meios da imagem em movimento, os contributos dos estudos visuais (visual turn) e das materialidades (material turn) têm trazidos indelévels contributos para repensarmos a história do cinema em Portugal. Dentro das práticas de revisão historiográfica e numa ótica de problematização da receção e da fruição do cinema, o estudo dos filmes tem-se nutrido de novas perspetivas que trazem à colação a problematização das versões existentes e exibidas, da documentação da produção, da recuperação de partituras, entre outros aspetos. O filme deixa, assim, de ser apenas uma realidade incorpórea e tendencialmente absoluta, para se tornar um fenómeno relativo a um contexto de produção e de receção que reforçam o sentido da sua sobrevivência e fortuna artística, bem como da perceção destes fenómenos num tempo longo. As valências do estudo das várias dimensões patrimoniais associáveis ao filme, mas a ele externas, como revistas, materiais de propaganda, equipamentos, circuitos de exibição, bem como as próprias salas de cinema, contribuem para exercícios de leitura da história do cinema que, longe de a esgotarem, nos alertam para as inúmeras questões por responder. Se a transição para o sonoro se tem demonstrado mais complexa e rica do que aquilo que a historiografia tradicional levava a pensar, do ponto de vista do investigador, estudar a receção do cinema sonoro continua a ser um terreno mais estável que estudar o cinema silencioso, o qual, como sabemos, estava longe de o ser. Mas que som ouviam os nossos cinéfilos, muitos dos quais, como Manoel de Oliveira, tiveram no mudo o seu percurso formativo? Com esta comunicação procuraremos, utilizando metodologias dos estudos visuais e da história da arte, problematizar estas questões do ponto de vista do investigador. Para tal, ensaiaremos algumas leituras tendo por base casos de estudo que partem da análise da arquitetura das salas de cinema, e respetivas alterações, bem como das evidências que conseguimos reunir sobre o som que o então designado fonofilme não chegou a tempo de captar ou reproduzir.

Biografia:

Hugo Barreira é Doutor em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Professor Auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP e Investigador Integrado do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Desenvolve investigação sobre o cinema e a imagem em movimento e sobre a sua utilização como recurso para os estudos em história da arte e do património, bem como sobre a cultura visual, a relação som-imagem e a história da arte e da arquitetura da época contemporânea, sendo autor de diversas publicações nestas áreas.

14h50-15h10 – Joana Isabel Duarte (CITCEM/FLUP) | “Per aspera ad astra: estrelas portuguesas até à emergência dos Novos Cinemas”

Os estudos das estrelas de cinema tendem a centrar-se no modelo norte-americano – onde o *star system* floresceu. É um fenómeno que diz intimamente respeito à realidade cinematográfica americana, à sua indústria e gestão de atores e de estúdios. No entanto, a necessidade de estrelas de cinema sentiu-se na maioria das cinematografias europeias, sobretudo nas mais ricas e estáveis economicamente. Com efeito, existem vários estudos sobre o *stardom* britânico, francês e italiano. Ainda assim, como apontam Shingler (2017) e Shail (2019), são poucas as investigações que dedicam atenção às estrelas na Europa, sobretudo nos países com indústrias de cinema não tão desenvolvidas. No meio português, a questão da estrela de cinema tem sido pouco afluída, embora existam algumas reflexões a este respeito (Areal, 2019; Duarte, 2018). O presente estudo pretende mapear as estrelas do cinema nacional, remontando às suas origens nos anos 20, mas incidindo com maior preponderância nas décadas de 1950-1960, numa altura em que o cinema português começa a internacionalizar-se. Com efeito, as estâncias de António Vilar, Virgílio Teixeira, Milú e Helga Liné em Espanha constituem alguns desses primeiros passos. São descobertos em Portugal, no entanto, é além-fronteiras que ascendem ao *stardom*. Simultaneamente, o período a que nos reportamos coincide com a emergência dos novos cinemas, como o Neorrealismo e a Nova Vaga, e que se refletem na crítica de cinema e na imprensa periódica portuguesa. Assim, a par de um aumento de exportação de atores portugueses para o estrangeiro, existe igualmente um certo iconoclasmo (no que às vedetas - os ícones daquele tempo - diz respeito) por parte das revistas de cinema ditas “sérias” (i.e. dedicadas à crítica e aos cineclubes). A nossa apresentação pretenderá refletir sobre estas transformações e contradições.

Biografia:

Joana Isabel Fernandes é Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual (FLUP, 2018). Atualmente é doutoranda em Estudos do Património (Universidade do Porto) e em Territorio, Patrimonio y Cultura (Universitat de Lleida), onde prepara uma tese subjacente ao tema «Cinefilia e cultura cinematográfica em Portugal nos anos 50 e 60». Desenvolve investigação no âmbito da imprensa de cinema, dos estudos cinematográficos, da imagem e do património.

15h10-15h30 – Norberto Gaudêncio (Universidade Presbiteriana Mackenzie) | “Cândido Aragonez de Faria e a arte do cartaz de cinema”

A comunicação abordará a obra do artista sergipano Cândido Aragonez de Faria, com ênfase no período parisiense de sua produção (1882–1911), quando este se estabeleceu como um requisitado artista gráfico no bairro de Montmartre, atuando como profissional especializado no mundo dos espetáculos. Procuramos destacar a sua produção pioneira de cartazes para a companhia cinematográfica Pathé, e seu importante papel como colaborador, inserido nas estratégias de apresentação e legitimação adotadas por esta empresa, enfatizando os diferentes aspectos desta especialização e o modo como o artista impregnou-se de uma farta *imagerie* então circundante como estratégia de comunicação.

Biografia:

Norberto Gaudêncio Junior é designer gráfico, pesquisador, professor e coordenador de educação continuada do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É autor dos livros "A Herança Escultórica da Tipografia" (2004) e "Cultura Gráfica" (2010). Foi curador e autor do texto do catálogo da exposição "Veja ilustre passageiro: o Atelier Mirga e os cartazes de bonde", realizada no Instituto Tomie Ohtake (2011). Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com estágio realizado na Université Paris Descartes – Sorbonne.

15h30 – Debate

15h50 | Painel 4

Moderador: Ana Filipa Martins

15h50-16h10 – Sara Fernandez (CIAC/UAlg) | “O cinema como meio difusor e problematizador de estereótipos: o caso de *L' Enquête Corse* (2004), de Alain Berberian e de *Opération Portugal* (2021), de Frank Cimièrè”

O cinema tem sido um meio difusor de estereótipos, já que as representações dos personagens no cinema podem influenciar as opiniões e percepções do público sobre determinados grupos sociais. Os estereótipos no cinema são padrões de representação de certos grupos sociais que são repetidos ao longo do tempo, muitas vezes de forma caricatural ou simplista, e que podem reforçar preconceitos e discriminações. Esses estereótipos podem ter um impacto negativo na sociedade, propagando a discriminação e o preconceito em relação a esses grupos. Alguns filmes retratam certos grupos sociais de maneira simplista e estereotipada, como personagens de outras culturas ou países, o que pode levar a uma compreensão limitada e incompleta desses grupos. No entanto, é importante destacar que o cinema também pode ser uma ferramenta poderosa para afrontar e desconstruir estereótipos. Quando um filme leva à reflexão sobre a auto e hétero-imagem, sobre a noção que se tem do Outro e sobre a noção de identidade, estamos perante um texto que problematiza e força o público receptor a reavaliar as suas próprias noções.

O estudo dos filmes *L'Enquête Corse*, de Alain Berberian e *Opération Portugal*, de Frank Cimiére, conduz a uma problematização da difusão do estereótipo e da ideia da identidade corsa e portuguesa através do olhar de realizadores franceses ou de influência francesa. Apesar de ambas as películas serem comédias leves e agradáveis, levantam questões pertinentes sobre a construção da imagem mental e do juízo de valor que fazemos sobre o Outro.

Biografia:

Sara Vitorino Fernandez é licenciada em Estudos Portugueses – Ramo Científico, com especialização nas áreas de Literatura Comparada e Cultura Medieval. Em 2005 concluiu o Mestrado em Literatura Comparada sob a orientação do Professor Doutor Petar Petrov com uma Dissertação sobre a metaficção nas obras de Carlos de Oliveira e de Augusto Abelaira. Em 2014 defendeu publicamente, na Universidade do Algarve, a Tese de 415 Doutoramento em Literatura, nas áreas do Pós-Modernismo e Metaficção na Literatura Portuguesa Contemporânea, também sob a orientação do Professor Doutor Petar Petrov. Desde então tem-se dedicado ao estudo da metaficção na ficção narrativa, no romance histórico e no discurso fílmico. Sobre estas temáticas já publicou trabalhos em revistas da especialidade e participou em várias publicações. Para além do seu trabalho de investigação, teve, desde 2013 até 2016, uma coluna permanente na revista suíça *Lusitania Contact* denominada “Escritores Portugueses”, onde escreveu sobre temas e autores da literatura portuguesa. É colaboradora do CIAC e leciona cursos de língua portuguesa na Universidade do Algarve.

16h10-16h30 – Natália Laranjinha (CIAC/Universidade de Meknès) | “O novo rosto do cinema marroquino”

Se Marrocos teve, ao longo das décadas, uma relação próxima com o cinema, essa deveu-se sobretudo aos seus espaços geográficos. Lugar privilegiado, pela sua luz e pelas suas paisagens, Marrocos foi um cenário ideal para filmes de autores, como *Otelo* de Orson Welles ou filmes de culto, como *A Guerra dos Tronos*. Todavia, a produção cinematográfica em Marrocos sofreu um impulso nos anos 80 provocado por jovens realizadores, com formação internacional e sem tabus. Assim, em consequência, surge uma linguagem cinematográfica renovada e várias inovações, não somente temáticas, como também, estéticas. Algumas destas produções cinematográficas provocaram escândalo, rapidamente se tornaram alvos de proibição e condenação por ofensa à moral, aos valores e à mulher marroquina. Muitos dos jovens realizadores utilizam o cinema para denunciar temas e realidades escondidas, silenciadas na sociedade marroquina: a homossexualidade e a prostituição, ou ainda a extrema pobreza e o radicalismo islâmico, são temas recorrentes em realizadores como Nabil Ayouch (*Les chevaux de Dieu*) ou (*Les yeux secs*) de Narjiss Nejjar. Apesar de uma oscilação, ainda presente, entre tradição e modernidade, o cinema marroquino ganhou autonomia e construiu uma identidade específica que reflete as suas particularidades. Propõe-se apresentar um estado da arte do cinema marroquino e analisar alguns exemplos desse novo rosto.

Biografia:

Natália Laranjinha foi docente na Universidade Dom Afonso III, atualmente, é professora convidada na Universidade de Meknès (Marrocos), e membro do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) da Universidade do Algarve. Realizou o pós-doutoramento em

Estudios Artísticos na Universidade de Nova Iorque (NYU). É ainda autora de vários artigos sobre literatura, artes visuais e de um livro intitulado Lars von Trier - Pathos et surfaces, publicado nas Edições Harmattan.

16h30-16h50 – Sandra Rojo Flores (Universidad de Jaén) | “El mito de Al Ándalus en Marruecos: una experiencia desde el documental etnográfico”

En la presente ponencia, compartiré mi experiencia en la investigación etnográfica del documental “Andalusíes” (2010) dirigido por el antropólogo español José Antonio González Alcantud. Este fue rodado en las ciudades de Fez y Rabat y, a través de diferentes entrevistas, muestra múltiples percepciones de “lo andalusí” en el país magrebí. Estas están lejos de la pura nostalgia e idealización del pasado y, aunque este discurso está presente en algunos entrevistados, en otros se percibe un claro rechazo al mito y a la construcción de una imagen de superioridad de los actuales andalusíes. Es importante señalar que el documental no aborda el relato histórico sobre Al Ándalus sino la vigencia del discurso de quienes se reivindican como andalusíes siendo que, muchos de ellos, ocupan puestos importantes en los espacios políticos, culturales y comerciales de Marruecos. Se trata de un discurso que no es homogéneo como se podría pensar a primera vista, sino que representa una fractura en el seno de la sociedad marroquí puesto que durante años ha sido una señal de distinción social. “Andalusíes” se ha proyectado en varios espacios académicos y culturales de México, Francia, España y Marruecos, suscitando particulares reacciones que también abordaré a lo largo de mi intervención.

Biografía:

Sandra Rojo Flores é Antropóloga por la Escuela Nacional de Antropología e Historia (México) y Doctora en Culturas Árabe y Hebrea por la Universidad de Granada (España). Profesora en el Departamento de Geografía y Antropología de la Universidad de Jaén y miembro del grupo de investigación “Observatorio de Prospectiva Cultural” de la Universidad de Granada. Directora del Festival Internacional de Cine y Memoria Común de Nador, Marruecos. Fue becaria posdoctoral del Instituto de Investigaciones Antropológicas de la UNAM y ha sido investigadora colaboradora en diversos proyectos de Excelencia e I+D relacionados con Marruecos. Llevó a cabo la documentación etnográfica de los documentales “Andalusíes” - dirigido por José Antonio González Alcantud - y “Les années 1958 et 1958 au Rif. Recherche historique et vulgarisation de la mémoire”, dirigido por Tarik el Idrissi. Fue co-responsable del Ciclo de Cine Marroquí llevado a cabo en el marco de la Semana Árabe organizada por el COLMEX y el CIDE (Ciudad de México), evento del que ha sido conferenciante asidua. Ha publicado, junto a José Antonio González Alcantud, los libros La Alhambra, mito y vida. 1930-1990: Tientos de memoria oral y antropología de un Patrimonio de la Humanidad (Editorial Universidad de Granada, 2016) y Andalusíes: antropología e historia cultural de una elite magrebí (Abada, 2015), y junto a Carmelo Lisón Tolosana y Juan Calatrava Antropología y Orientalismo (UGR, 2021).

16h50-17h10 – Carlos Coelho Costa (CIAC/Universidade da Maia) | “O Papel do Festival Internacional de Cinema Et de La Memoire Commune de Nador na divulgação e promoção do cinema Independente e Africano”

Nesta comunicação propomo-nos reflectir sobre o papel do *Festival Internacional de Cinéma Et de La Memoire Commune de Nador*, demonstrando a sua importância na promoção do cinema Independente e Africano tanto a nível local como Internacional. Além da sua relevância cinematográfica iremos também focar na sua pertinência na preservação dos processos de paz, reconciliação e democracia.

Biografia:

Carlos Coelho Costa, Iniciou o percurso na área de Audiovisual há cerca de 23 anos e há aproximadamente 6 anos é docente na Universidade da Maia (ISMAI). Em 2018 concluiu, pela Universidade do Porto, o doutoramento em Arte e Design. Em função da experiência e também paixão por esta área é fundador da Produtora Megalito Média, e também realizador e produtor de Cinema e Televisão, tendo ganho, até ao momento, mais de 300 prémios internacionais de cinema. É investigador do CITEI - Centro de Investigação em Tecnologias e Estudos Intermédia, e Director Artístico do Festival Internacional de Cine de Memoria Común Nador Marrocos.

17h10 – Debate

17h30 | Apresentação de Livro

Moderador: Ana Filipa Martins

17h30-18h00 – Apresentação do livro ‘Géneros Populares e Cinema Transnacional na Europa Mediterrânea’”, com Mirian Tavares (CIAC/UAlg), Bruno Mendes da Silva (CIAC/UAlg) e Jorge Carrega (CIAC/UAlg).

Entre o início da década de 1950 e meados dos anos 1970, o cinema da Europa mediterrânea, viveu um longo período de apogeu comercial e criativo, em larga medida, graças ao sucesso alcançado pela coprodução de géneros populares como o peplum, o filme policial e o western spaghetti que foram distribuídos em diversos mercados internacionais. Neste livro, analisamos os géneros populares da Europa mediterrânea, numa perspetiva histórica, apoiados na moldura teórica do cinema transnacional, e procuramos articular a dimensão estética dos filmes com o contexto cultural, socioeconómico e industrial em que foram produzidos, distribuídos e recebidos pelo grande público.

Biografias:

Mirian Tavares é Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pela Universidade Federal da Bahia. É coordenadora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC) e Professora Associada com Agregação da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade do Algarve (UAlg). Assume ainda o cargo de Diretora do Doutoramento em Média-Arte Digital, lecionado em parceria entre a Universidade do Algarve e a Universidade Aberta. No plano internacional assume a vice-presidência da Associação Internacional de Arte Computacional – ARTECH-Int, que articula com outras funções de relevo a nível nacional. 420 É membro da equipa de curadores da Rede Portuguesa de Arte Contemporânea e Diretora da Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes. Esteve envolvida em mais de 25 projetos científicos, exercendo, em muitos deles, um

papel de coordenação geral e/ou coordenação institucional. Participou, por convite, em mais de 100 conferências nacionais e internacionais, contabilizando mais de 60 artigos publicados em revistas de referência, reconhecidas nacional e internacionalmente. Como resultado da sua intensa atividade científica já deu à estampa 17 livros, tendo publicado em 56 capítulos de obras altamente reconhecidas na sua área de estudo. Mirian Tavares participa ainda regularmente em diversas revistas culturais e na produção de textos e catálogos artísticos, tendo coordenado e desenvolvido conceptualmente um conjunto de webséries inéditas, com vista à divulgação de ciência (CIAC Talks e CIAC Talks Initiative).

Bruno Mendes da Silva é pós-doutorado em Comunicação, Cultura e Artes pela Universidade do Algarve (UAlg), doutorado em Literatura e Cinema/Literatura Comparada/Literatura pela UAlg, pós-graduado em Gestão das Artes pelo Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) e licenciado em Cinema e Vídeo pela Escola Superior Artística do Porto (ESAP). É Vice-coordenador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação e Coordenador da Área de Ciências da Comunicação da Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC) da UAlg, Professor Convidado na Saint Joseph University of Macau. Foi realizador e produtor da Teledifusão de Macau (TDM). Participou, por convite, em festivais internacionais de vídeo, média-arte digital e cinema, como o FRESH (Tailândia), o Dokanema (Moçambique), o Loop (Espanha), o Festival de La Imagen e o Ecologias Digitales (Colômbia), The Script Road (China) e o FILE (Brasil). Participou em vinte e dois (22) projetos científicos (como investigador responsável ou membro investigador) e é autor de vários livros, capítulos de livros e outras publicações científicas (cerca de 90). Foi conferencista convidado em Portugal, Espanha, França, Itália, Tunísia, Moçambique, Brasil, Colômbia, Sri Lanka e China. Orientou sete (7) teses de doutoramento. É Diretor da Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes e membro da equipa vencedora do Prémio científico Ceratonia 2008.

Jorge Manuel Neves Carrega é pós-doutorado no âmbito do projeto “1950-1974: Géneros Populares e Cinema Transnacional na Europa Mediterrânea” - Universidade do Algarve (2018), Doutor em Comunicação, Cultura e Artes - Universidade do Algarve (2014), e Mestre em Literatura – Universidade do Algarve (2009). Foi bolseiro de doutoramento da FCT e, desde 2011, vem lecionando unidades curriculares na área da História do Cinema e outras Artes. É autor de sete livros, entre os quais “Elvis Presley e o Cinema Musical de Hollywood” (2009) e “Breve História da Cultura em Faro” (2018). Já organizou duas dezenas de congressos e conferências e publicou três dezenas de artigos e capítulos de livros em publicações científicas. É membro do corpo editorial da Revista ROTURA - Revista de Comunicação, Cultura e Artes, e coordenador do Grupo de Trabalho de Estudos Fílmicos do CIAC. Desde 2011, integra o júri do FARCUME-Festival de Curtas-Metragens de Faro.

18h00 | Sessão de Encerramento

Jorge Carrega

Comissão Organizadora do I Colóquio Internacional Cinemas do Mediterrâneo

Mirian Tavares

Coordenadora do CIAC

Bruno Mendes da Silva

Vice-Coordenador do CIAC

DIA 2 - SESSÃO ONLINE

Moderadores: Jorge Carrega e Ana Alexandra Carvalho

14h30-14h55 – Ana Bela Morais (CEComp/FLUL) | “Romy Schneider em Portugal. Cinema e censura (1968-1974)”

O objectivo principal desta apresentação é divulgar documentação inédita sobre a censura aos filmes em Portugal, nos quais entrou a actriz Romy Schneider, durante o marcelismo (1968-1974). O período histórico escolhido coincide com aquele em que Romy Schneider começa a realizar filmes em França, com o objectivo de se libertar da imagem de pureza e perfeição que a tinha celebrizado nos anos 50, primeiramente na Áustria e Alemanha, com a trilogia de “Sissi”, a Imperatriz austríaca. Esta comunicação pretende homenagear Romy Schneider: em 2022 cumpriram-se os quarenta anos da sua morte. A investigação desenvolveu-se nos arquivos do Secretariado Nacional da Informação e Turismo, nomeadamente nos Processos de Censura aos filmes, nacionais e estrangeiros, que estão depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) em Lisboa.

Biografia:

Ana Bela Morais é investigadora contratada no Centro de Estudos Comparatistas, no qual coordena o Grupo LOCUS – *Espaços, Lugares, Paisagens*. É membro integrado do Subgrupo DIIA – *Diálogos Ibéricos e Iberoamericanos*, sendo responsável pela linha de investigação “Sistemas de censura nas artes visuais e performativas da Península Ibérica dos séculos XX e XXI”, na qual se integra o seu projecto de investigação “Censura e Cinema no Espaço Ibérico, de 1968 à actualidade”. Co-lecciona o Seminário de Mestrado / Doutoramento Tópicos em Estudos Comparatistas II - “Tempos e Espaços no Cinema Português”, no Programa de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Na Licenciatura lecciona, também, História do Cinema e Cinema e Literatura, na mesma Faculdade.

14h55-15h20 – Giulio Olsen (Universidade de Bournemouth) | “Estado de Desconfiança. Violência, aplicação da lei e conspirações no *poliziottesco* italiano”

Este artigo explora o *filone poliziottesco* (Thrillers policiais italianos) para documentar a sua contribuição para o debate nacional sobre violência política, criminal e institucional no início dos anos 1970. Investiga a representação da polícia e do sistema judicial em filmes que apresentam conspirações estatais no centro dos seus enredos – *Execution Squad* (Vanzina 1972), *Violent Professionals* (Martino 1973), *Killer Cop* (Ercoli 1975), *Silent Action* (Martino 1975). Abordando os debates em curso sobre o cinema *filone* italiano (Fisher 2014, 2019; Marlow-Mann 2013; O'Leary 2011), este artigo questiona a possibilidade de usar estes filmes como documentos históricos, conectando-os aos discursos dos média em torno da chamada estratégia de tensão, uma série de ataques terroristas com o objetivo de aumentar artificialmente a tensão política na Itália. Posicionando os filmes como textos intermediários (Rajewski 2005), é possível identificar estratégias representacionais e interpretativas compartilhadas entre a serialidade dos jornais italianos e a desses produtos de género de baixo orçamento e produção rápida. O uso de meios de comunicação como dispositivos

e a reelaboração das narrativas dos meios de comunicação nos filmes inserem-nos num 'ritual político' (Elliot 1981) elaborando tanto o trauma relacionado aos resultados de ataques terroristas quanto a raiva pela falta de ação efetiva do Estado contra eles. Esta abordagem lança uma nova luz sobre produtos muitas vezes rejeitados pela crítica, indo além das interpretações que se concentram principalmente na natureza derivada dos filmes de gênero italianos. Em vez disso, visa situá-los como um lugar de negociação para a atribuição de culpa pelas falhas do Estado italiano na luta contra o terrorismo.

Biografia:

Giulio Olesen é professor de mídia na Universidade de Bournemouth University (Reino Unido). Ele possui um Ph.D. em estudos de cinema e os seus interesses de pesquisa incluem as áreas de cinema italiano e história, cinema e conflito social e estudos de gênero. Olesen participou em eventos acadêmicos e conferências em Praga, na Canterbury Christ Church University, na American University of Rome e na Ohio State University. Ele publicou uma entrevista com o diretor *filone* Sergio Martino no *Journal of Italian Cinema and Media Studies* (2017) e atualmente está a trabalhar numa monografia baseada na sua pesquisa sobre *thrillers* policiais italianos (*poliziottesco*).

15h20-15h45 – Marcello Messina (Universidade Federal do Sul da Rússia) | “Enclaves de branquitude - presenças inquietantes e territórios domesticados no arquipélago siciliano”

As representações fílmicas da Sicília e dos seus habitantes muitas vezes os colocam como suplementos periféricos, gregários dentro da ação geral. Alternativamente, os sicilianos (e até a Sicília) são retratados como presenças ameaçadoras que atrapalham os protagonistas. Neste relato examino exemplos de filmes ambientados nas ilhas menores do arquipélago siciliano. Nessas películas, a perifericidade dos moradores locais corresponde habitualmente a uma alteridade exotizada e racializada. Nesse contexto, essas ilhas menores, porções descontínuas das terras sicilianas, são caracterizadas quase como enclaves purificados de branquitude, colocadas à disposição exclusiva dos personagens italianos, europeus e norte-americanos que transitam nesses espaços. Lá, os sicilianos funcionam apenas como servos silenciados, ajudantes obedientes que mediam a comunicação com os locais, ou presenças inquietantes que estão sempre à beira de agir maliciosamente contra os protagonistas. Neste relato, foco nos modos de visualização que possibilitam essas representações em filmes italianos e internacionais. Posteriormente, considero as ambientações dos filmes em “paraísos” turísticos nas ilhas sicilianas, a fim de expor os mecanismos visuais, auditivos e verbais que caracterizam esses lugares como enclaves domesticados de branquitude, “libertados” das subjetividades violentas ou suspeitas dos moradores locais.

Biografia:

Marcello Messina trabalha na Southern Federal University em Rostóvia do Dom. É também colaborador da Universidade Federal do Acre e da Universidade Federal da Paraíba, ambas no Brasil. Escreve sobre música, história, cultura e cinema.

15h45-16h10 – William Pianco (Centro Universitário FMU/ FIAM-FAAM) | “A Figura do Mar nos Filmes de Viagem de Manoel de Oliveira”

Partindo do pressuposto de que existe uma estratégia narrativa orientada pela Alegoria Histórica nos chamados Filmes de Viagem de Manoel de Oliveira, buscaremos refletir acerca da recorrência da figura do Mar em quatro longas-metragens do realizador português: *O sapato de cetim* (1985); *Palavra e utopia* (2000); *Um filme falado* (2003); e *Cristóvão Colombo – o enigma* (2007). Nosso objetivo é verificar como o espaço marítimo é aproveitado, nesses casos, como elemento alegórico relacionado ao projeto expansionista português que nos auxilia na compreensão tanto do passado como do presente.

Biografia:

William Pianco é docente no Centro Universitário FMU-FIAMFAAM (São Paulo, Brasil), ministrando disciplinas na grande área Comunicação Social / Audiovisual. Ele é doutor em Comunicação, Cultura e Artes pela Universidade do Algarve (UAlg / Portugal, 2018), onde defendeu a tese intitulada "A Alegoria Histórica nos Filmes de Viagem de Manoel de Oliveira", com uma pesquisa centrada nos temas: Manoel de Oliveira; Cinema; Cinema Português; Alegoria Histórica; Filmes de Viagem; e Cultura Portuguesa. Título validado no Brasil pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2018). É mestre em Imagem e Som pelo Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCar, 2011). Possui Extensão Universitária em Comunicação e Pós-Modernidade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2007) e Graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Cruzeiro do Sul-SP (Unicsul, 2006).

16h10-16h35 – José Maria Neto (Universidade de Pernambuco) | “O Noé de John Huston e a representação do patriarca no século XX”

O personagem Noé e o mito que o envolve nos apresenta uma grande oportunidade para a discussão de como a Antiguidade é retomada pelo tempo vivido, recriada e reciclada para falar às paixões contemporâneas, e de como o passado é amiúde revisitado para justificar ou dar sustentação ao mundo que nos cerca. O cinema vai até a Bíblia e estabelece um diálogo com o Livro Sagrado, mas também com os séculos de reprocessamento que o precederam, e com as transposições fílmicas da história do dilúvio que o antecederam, gerando uma rica tessitura de tempos e significados a ser explorada na construção do conhecimento histórico. Nesse sentido, o segmento da Arca de Noé do filme *A Bíblia (The Bible...In the Beginning, 1966)*, produzido por Dino de Laurentis, com realização de John Huston e fotografia de Giuseppe Rotunno, é um elemento fundamental à formação de uma cultura histórica sobre o mito de Noé, que bebeu fartamente em representações anteriores e influenciou profundamente o que veio depois, em especial *Noé (Noah, 2014)*, dirigido por Darren Aronofsky.

Biografia:

José Maria Gomes de Souza Neto é Doutor em História pela UFPE, Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco/ Campus Mata Norte. Membro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade de Pernambuco. Membro colaborador do Programa de Pós-Graduação em

História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Líder do Leitorado Antigo: grupo de ensino, pesquisa e extensão em História Antiga. Colaborador do Grupo de Trabalho em Estudos Fílmicos do CIAC-Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve. Ministra as disciplinas de Antiguidade Pré-Clássica e Clássica. Dedicar-se ao estudo da recepção e ao ensino da Antiguidade no mundo contemporâneo.

16h35-17h00 – Jorge Carrega (CIAC/UAlg) | “Fernandel – Uma vedeta transnacional no cinema da Europa mediterrânea”

Entre finais das décadas de 1940 e 1960, o comediante francês Fernandel, foi uma das maiores vedetas do cinema Europeu. Graças ao modelo de coprodução cinematográfica implementado entre França e Itália, nos anos do pós-guerra, vários dos filmes protagonizados pelo ator alcançaram um sucesso significativo fora do seu país natal. Nesta comunicação analisamos a carreira de Fernandel, numa perspectiva transnacional, procurando perceber o impacto do ator em Portugal.

Biografia:

Jorge Manuel Neves Carrega é pós-doutorado no âmbito do projeto “1950-1974: Géneros Populares e Cinema Transnacional na Europa Mediterrânea” - Universidade do Algarve (2018), Doutor em Comunicação, Cultura e Artes - Universidade do Algarve (2014), e Mestre em Literatura – Universidade do Algarve (2009). Foi bolseiro de doutoramento da FCT e, desde 2011, vem lecionando unidades curriculares na área da História do Cinema e outras Artes. É autor de sete livros, entre os quais “Elvis Presley e o Cinema Musical de Hollywood” (2009) e “Breve História da Cultura em Faro” (2018). Já organizou duas dezenas de congressos e conferências e publicou três dezenas de artigos e capítulos de livros em publicações científicas. É membro do corpo editorial da Revista ROTURA - Revista de Comunicação, Cultura e Artes, e coordenador do Grupo de Trabalho de Estudos Fílmicos do CIAC. Desde 2011, integra o júri do FARCUME-Festival de Curtas-Metragens de Faro.

17h00 – Debate

17h30 | Sessão de Encerramento

Jorge Carrega

Comissão Organizadora do I Colóquio Internacional Cinemas do Mediterrâneo

Ficha Técnica

Coordenação do CIAC:

Mirian Tavares

Bruno Mendes da Silva

Comissão Organizadora:

Jorge Carrega (Coordenação)

Susana Costa

Carlos Costa

Ana Alexandra Carvalho

Ana Filipa Martins

Alexandre Martins

Joana Rodrigues

Juan Loza

Amanda da Silva

Beatriz Valente

Filipa Gonçalves

Gabriella Silva

Conselho Científico:

Mirian Tavares (Universidade do Algarve)

Bruno Mendes da Silva (Universidade do Algarve)

Jorge Carrega (Universidade do Algarve)

Austin Fisher (Universidade de Bournemouth)

Ana Bela Morais (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Hugo Barreira (Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Ana Isabel Soares (Universidade do Algarve)

Ana Alexandra Carvalho (Universidade do Algarve)

João Carlos Firmino Carvalho (Universidade do Algarve)

António Costa Valente (Universidade do Algarve)